

I

Ao encontro do avião precipitou-se o rosto espantoso do inimigo do mundo: pinheirais em colinas baixas, lustrosos lagos de um verde acinzentado, demasiado pequenos para serem outra coisa que não lisos, hortas inçadas de feijão língua de fogo, campos de trigo acobreado, aldeias de telhados castanho-avermelhados com empenas abruptas, e igrejas com torres em forma de abóbora, que não podem ter sido concebidas por arquitetos com mais de sete anos de idade. Mais um minuto e o avião desce sobre o coração do inimigo do mundo: Nuremberga. Poucos minutos bastaram para se chegar ao tribunal onde o inimigo do mundo estava a ser julgado pelos seus pecados; mas esses pecados de imediato foram esquecidos perante o surpreendente conflito que agitava esse tribunal, embora tais conflitos nada tivessem que ver com as acusações aí analisadas. O julgamento estava no seu décimo primeiro mês, e a sala de audiências era a cidadela do aborrecimento. Todos os que se encontravam na sua esfera de ação eram presa do mais extremo tédio. O que não significa que os trabalhos em curso estivessem a ser desempenhados com languidez. Uma disciplina de ferro opunha-se frontalmente a esse tédio, não lhe cedendo sequer um milímetro. Em todo o caso, o mais espetacular de todos os processos em tribunal era uma certa luta de tração a respeito do tempo. Alguns dos presentes desejavam ardentemente que esse tédio chegasse ao fim o mais depressa possível, enquanto os outros desejavam, com igual ardor, que durasse para todo o sempre.

As pessoas que desejavam que o tédio se prolongasse eternamente eram os vinte e um réus sentados por detrás da teia. Estes desconcertavam a assistência ao mostrarem o aspeto espalhafatoso que as personagens históricas assumem, mormente quando angustiadas, nos quadros de má qualidade. Pareciam tão grosseiramente aquilo que eram como Maria Stuart em *Fotheringay*, ou Napoleão em Santa Helena, num triunfo da pintura académica em meados da era vitoriana. Mas era um quadro, claro, invulgarmente pavoroso, com as figuras envoltas em sugestões de morte. Além de os acusados correrem o risco duma condenação à morte, falava-se constantemente de milhões de mortes e sobre se estas haviam ou não ocorrido por culpa daqueles homens; sabendo perfeitamente o que era a morte, experimentando-a de antemão, eles preferiam o ramerrão do julgamento à sua conclusão. Por conseguinte, agarravam-se aos processos, por meio dos seus advogados, e esticavam-no até aos limites da sua tessitura; e com isso suscitavam no resto do tribunal, nas pessoas que tinham a perspectiva de deixar Nuremberga e voltarem à sua vida normal, uma furiosa impaciência. Só a disciplina de ferro que imperava no tribunal impedia que esta impaciência arranjasse meio de se manifestar. Mas tornava a atmosfera mais tensa.

Parecia ridículo que os acusados se esforçassem por protelar o final, pois a aparência deles, só por si, indicava que nada lhes voltaria a correr bem neste mundo. Aqueles chefes nazis, que se haviam consagrado à violação de todas as regras, deixavam intacta a regra de que o veredicto de um tribunal não deve estar decidido de antemão. Os russos haviam pedido pena de morte para todos eles, e era evidente que os acusados julgavam que essa vontade ia ser cumprida. Acreditando que iam perder tudo, tinham-se esquecido do que havia sido a posse. Não restava nem um traço do seu antigo poder e glória, nenhum deles tinha o ar de algum dia ter exercido uma autoridade válida. Göring ainda exibia uns ademanes imperiais, mas eram tão grosseiros que não sugeriam que tivesse verdadeiramente ocupado alguma posição de destaque — quando muito, tornava provável que em certos bares a clientela o costumasse designar por alcunhas do género «o Imperador». Estavam

também, aqueles indivíduos, a despojar-se de traços físicos que se poderiam julgar inalienáveis, como a cor e a textura da pele ou os traços faciais. A maior parte deles, com a exceção de Schacht, que tinha cabelos brancos, e de Speer, que era escuro como um macaco, já não eram louros nem morenos; e não havia entre eles magreza que não descaísse, nem gordura que não parecesse a dilatação de um gás rarefeito. As suas personalidades surgiam tão reduzidas, que era difícil ter presente quem era quem, mesmo depois de termos passado dias a olhar para eles; e aqueles que se destacavam definiam-se mais pela estranheza do que pelo caráter.

Hess saltava à vista por estar claramente doido; tão claramente doido que parecia vergonhoso estar a julgá-lo em tribunal. Tinha uma tez acinzentada e a bizarra faculdade, típica dos lunáticos, de adotar posturas forçadas, que nenhuma pessoa seria capaz de manter por mais de alguns minutos, e de ficar em contorção, imóvel, durante horas. Tinha o ar tipicamente desclassificado dos internados em manicómios; evidentemente, a sua mente perturbada rasurara todas as pistas relativamente ao seu passado. Dava a sensação de que a sua mente não tinha superfície, como se todas as suas partes houvessem sido pulverizadas, exceto nas profundezas onde vivem os pesadelos. Schacht dava igualmente nas vistas, mas por não ter absolutamente nada de louco, por se mostrar tão igual a si próprio naquelas circunstâncias extraordinárias. Sentava-se todo torcido, de tal modo que o seu corpo alto, rígido como uma prancha, se apoiava contra a extremidade do banco. Deste modo, situava-se num ângulo reto relativamente aos outros acusados e olhava por cima das suas cabeças: a sua tese sempre fora a de que era muito superior ao bando de Hitler. Deste modo, situava-se também num ângulo reto relativamente aos juízes na tribuna à sua frente: a sua tese sempre fora também a de que era um importante banqueiro internacional, um homem absolutamente respeitável, e que nenhum tribunal do mundo tinha o direito de o julgar. Estava petrificado de fúria por aquele tribunal se julgar nesse direito. Dir-se-ia um cadáver congelado pelo *rigor mortis*, um cadáver quezimento, que arranjava maneira de exasperar o processo para que se tornasse particularmente difícil encafuá-lo no seu caixão.

Alguns deles conservavam a sua individualidade. Streicher fazia pena, porque era claramente a comunidade, e não ele, a culpada pelos seus pecados. Era um velho sujo, daqueles que causam problemas nos parques; e uma Alemanha mentalmente sã já o teria metido num hospício há muito tempo. Baldur von Schirach, o líder da Juventude Hitleriana, destacava-se porque parecia uma mulher, mas de uma forma que não é comum nos homens que parecem mulheres. Era como se estivéssemos diante duma governanta tímida e metódica, sem beleza mas também sem um único cabelo fora do sítio, e da qual se podia sempre esperar que não interrompesse quando houvesse visitas: podia ser a Jane Eyre. E embora durante anos tivéssemos lido notícias surpreendentes sobre Göring, ele continuava a surpreender. Era tão cortês. Às vezes envergava um uniforme da força aérea alemã, outras vezes um traje de verão leve e jovial, do pior gosto possível, e ambos lhe ficavam largos, dando a ideia de que estava grávido. Tinha uma espessa cabeleira de jovem, castanho-escuro, a pele rubra e áspera de um ator habituado a usar maquilhagem durante décadas, e as rugas fundas e sobrenaturais de um drogado. Tudo somado, fazia lembrar a cabeça de um boneco de ventríloquo. Tinha um ar infinitamente corrupto, e representava de forma ingénua. Quando os advogados dos outros réus vinham à porta para receber instruções, ele intervinha amiúde e insistia em instruí-los pessoalmente, não obstante a evidente fúria dos acusados — fúria que de facto podia ser intensa, já que muitos deles podiam achar que se não fosse ele nunca teriam sequer precisado de contratar aqueles advogados. Um desses advogados era um indivíduo baixinho, com todo o ar de judeu, e quando estava diante da teia, a cabeça mal assomando acima da mesma, e agitava irritado a toga porque a sorridente máscara de pau de Göring se interpunha entre ele e o seu cliente, era como se alguém tivesse organizado um despique entre dois bonecos de ventríloquo.

O aspeto de Göring aludia fortemente, mas de forma obscura, ao sexo. É um facto histórico que os seus casos amorosos com mulheres desempenharam um papel decisivo no desenvolvimento do Partido Nacional-Socialista, em diferentes fases, mas ele tinha o ar de alguém que jamais levantaria a mão contra uma mulher,

exceto para algo muito mais peculiar do que a gentileza. Não se assemelhava a nenhum tipo de homossexual conhecido, mas era feminino. Por vezes, sobretudo quando estava de bom humor, fazia lembrar a patroa de um bordel. As suas iguais podem ser vistas nas escarpadas ruas de Marselha ao final da manhã, sentadas às portas, com a máscara profissional da simpatia ainda no rosto, embora descontraidamente ociosas, enquanto os seus gordos gatos se roçam nas suas amplas saias. Parecia evidente que ele se concentrara nos apetites, e em elaborados esquemas para a satisfação dos mesmos; apesar disso, havia nele uma sensação de sede no deserto. Não obstante todo o tipo de aquedutos que construía para trazer água ao seu acampamento, certa perversidade na arquitetura fazia com que esta vertesse e se sumisse nas areias muito antes de chegar a ele. Ocasionalmente, porém, e mesmo agora, estalava os lábios como um homem bem nutrido e a quem ainda não chegara a notícia de que em breve as suas refeições teriam fim. De todos os acusados, ele era o único que, se pudesse, sairia do Palácio da Justiça para tomar de novo o poder na Alemanha e converter o país no palco das fantasias pessoais que o haviam trazido ao banco dos réus.

À medida que renunciavam ao esforço de serem eles próprios, aqueles homens uniam-se num padrão comum, que reiterava simplesmente a sua alegação de inocência. A todo o instante, e de forma muito pouco idiossincrática, gesticulavam expressões de inocência e de bom senso ultrajado; e nos intervalos conversavam entre si, formando pequenos grupos de protesto que, se pintados num mural, seriam logo reconhecidos como um bando de santos que haviam tentado salvar o mundo, mas tinham sido frustrados nesse intento por homens equivocados. Esta representação, porém, tornava-se menos convincente a cada dia que passava. Eles estavam visivelmente em retração do campo da existência, e talvez já não tivessem consciência disso. É possível que nunca pensassem diretamente na morte ou sequer na prisão, e não havia neles nada de positivo exceto o desejo de parar o tempo. Todos eles rezavam, de nervos em franja: «Que este julgamento nunca chegue ao fim, que dure para todo o sempre.»